



**Uma sombra
na Escuridão**

Alexandre Santos

ALEXANDRE SANTOS

**UMA SOMBRA NA
ESCURIDÃO**



Copyright© Alexandre José Ferreira dos Santos



EDIÇÕES MOINHO



Organização associada à Câmara Brasileira de
Desenvolvimento Cultural.

Conselho Editorial

Alexandre Santos

Jacinto Almeida

Gérman Cárceres

Caio Porto

Carlos Newton Júnior



Num mundo marcado pela escuridão
povoada por sombras, nem sempre as
coisas são como parecem

A todos que sofrem em função das taras e
dos tarados que, livres, soltos e lépidos,
andam por aí

ALEXANDRE SANTOS

**UMA SOMBRA NA
ESCURIDÃO**

Parte I

O MISTÉRIO DA CASA 56

Não havia nada de diferente na casa 56. Ela parecia como todas as outras da vila. Não só porque o projeto arquitetônico era o mesmo, mas, também, (pelo menos, aparentemente) ela [a casa 56] seguia a dinâmica monótona que marcava aquela região eminentemente residencial.

Como os demais da vizinhança, os moradores da casa 56 não mostravam nada de especial.

Carlos, o dono da casa, como todo chefe-de-família, saía todos os dias, logo cedo para o trabalho, de onde só voltava no comecinho da noite, quando, pouco importava o quão cansado pudesse estar, se

entregava às brincadeiras de pai extremoso com a pequena Daise, com quem passeava pelas ruas do bairro, tendo sempre a companhia de Olav, um cão bull-dog enorme, cuja feiura só era superada pela docilidade.

Com Nara, a esposa, não era diferente. Após o beijo de despedida na bochecha rosada de Daise sempre dado à porta da van colorida que a levava e a trazia da escolinha, depois de lavar os pratos na cozinha, se certificar da limpeza dos banheiros e da arrumação dos quartos, Nara seguia para o trabalho na prefeitura, onde ficava até meados da tarde, quando ansiosa voltava para casa, para receber Daise e preparar o jantar da família.

A rotina da casa mudara um pouco nos últimos meses, quando, talvez como forma de aliviar a tristeza provocada pela

trágica morte da mãe Emengarda durante um assalto nunca desvendado, Carlos convidara seu pai Olímpio para passar uns tempos com eles. Na época, afetado pela perda de Emengarda, sua companheira de quase trinta anos, o senhor Olímpio - um idoso alquebrado pela idade e por todos os anos dedicados à polícia militar, mas diariamente reenergizado pela leitura e releitura da Bíblia, como receitavam todos os pastores - viera para passar apenas os primeiros dias do luto, mas o tempo foi passando e, animado com a alegria da pequena Daise e com os rosnados irreverentes de Olav, foi ficando, passando, inclusive, a usar parte do seu soldo de militar aposentado para ajudar nas despesas da casa.

E, sem novidades, os meses se passaram.

Um dia, sem mais, nem menos, a exemplo daquilo que, segundo as vizinhas, passara a ocorrer pelo bairro, começaram as altercações na casa 56.

Ninguém sabe exatamente como começou.

Na casa 56, o primeiro sinal perceptível de que alguma coisa estava diferente foi a repentina mudança de humor de Daise, que, da noite para o dia, abandonou o constante bom-humor e passara a mostrar-se irritadiça e, mesmo, demonstrar medo do avô, com quem sempre se dera tão bem.

Despertando preocupação nos pais, Daise começou a hostilizar o avô, esperneando e fazendo muito barulho antes de se deixar tomar no colo pelo senhor Olímpio. Na mesma época, também sem

razão aparente, Olav começou a apresentar um comportamento diferente, chegando a ganir de medo ou rosnar, como se algum desconhecido estivesse na casa. Se Dona Emengarda estivesse viva, como sempre fazia (até como forma de participar das conversas), diria "alguma coisa está acontecendo". De qualquer forma, sem fazer conexão entre os fatos, Nara e Carlos viram aquelas alterações como coisas normais dos tempos e tentaram dar curso à vida como se nada tivesse acontecendo.

Ninguém sabia, mas, àquele tempo, coisas anormais também aconteciam por outras partes e, com diferentes níveis de intensidade, sinais de estranheza espocavam ali e acolá. Mesmo diferente, ainda que de modo um tanto forçado, o dia-dia da casa 56 permaneceu como se fosse normal.

E ficou assim até a reunião.

Sem que soubessem o motivo, Nara e Carlos foram convocados para uma reunião de pais e mestres programada às pressas pela Escolinha de Daise para o dia seguinte. Como não se tratava da reunião semestral programada desde o começo do ano e fora convocada inesperadamente, com segurança, aquela era uma reunião extraordinária para tratar de coisa igualmente extraordinária.

No convite, a direção da escola fazia referência a 'um assunto de extrema gravidade'.

Daise, claro, não sabia de nada. O que teria acontecido para justificar aquela convocação? Daise estava na escolinha há quase dois anos e nunca tinha acontecido algo parecido. Atormentados pela

curiosidade, sem qualquer indicativo de resposta, Nara e Carlos se perguntaram sobre a razão que poderia justificar a reunião convocada tão forma tão repentina e, plenos de ansiedades, administraram as mudanças necessárias na rotina da casa e, depois de muito trabalho para convencer a pequena Daise para ficar sob os cuidados do senhor Olímpio (ela gritou e esperneou até o último minuto) e foram para a escola.

A reunião foi uma maluquice que, sempre marcada pela tensão, atravessou momentos de curiosidade e de dúvidas para desaguar num caos absoluto.

Depois de uma rápida e acanhada mensagem de boas-vindas, concentrando todos os olhares e atenções, a diretora explicou que a reunião fora convocada em função da repentina mudança de humor e de

comportamento verificada em muitas crianças.

- Alguma coisa estranha está acontecendo com as nossas crianças - resumiu a professora com a voz embargada.

Neste momento, vestindo a carapuça, Carlos e Nara se entreolharam, pois, lembrando das coisas ocorridas em sua própria casa, tinham certeza de que a pequena Daise estava entre as crianças referidas pela professora.

E veio o caos.

Procurando tranquilizar os pais - mas, ao mesmo tempo, enchendo-os de medo -, a diretora informou que, antes de convocar a reunião, com o suporte de uma psicóloga e do supervisor de segurança, verificaram os detalhes da dinâmica cumprida pelas crianças na escolinha. Tudo

fora inspecionado mais de uma vez, inclusive com emprego das imagens colhidas pelas câmeras que varriam todos os ambientes da escola.

- Senhores, a coisa que está atormentando as crianças não ocorre aqui, na Escola. Na realidade, observamos que o nível de agitação e os maiores distúrbios de comportamento ocorrem ao final das aulas, exatamente quando se aproxima o momento do retorno das crianças para casa. Acreditamos que as crianças estão sendo perturbadas e levadas a temer o retorno para casa.

Foi a vez de todos pais se entreolharem e, intimamente, rememorarem a rotina cumprida pelos filhos em casa e se perguntarem sobre o que podia os estar atormentando.

E veio o ápice da reunião, o momento no qual o caos se instalou.

Depois de dizer não haver evidências de qualquer violência física aparente contra as crianças, a diretora pediu que - além de conversar com os filhos para tentar descobrir se, de alguma forma, elas se sentiam ameaçadas por alguém ou por algo - os pais deveriam tomar cuidado ao deixá-los entregues a estranhos.

- Vocês conhecem as pessoas que trabalham, fazem entregas? Por mais confiáveis que possam parecer, todos são suspeitos. Considerem que qualquer pessoa pode ter manias inconfessáveis e os tarados podem parecer pessoas normais como qualquer outra. Antes de convocar esta reunião, estudamos casos semelhantes ocorridos em escolas da Califórnia, Inglaterra, Austrália e da África do Sul,

onde o comportamento estranho das crianças decorria de abusos sofridos em sua própria casa, inclusive por parentes e vizinhos.

E a balbúrdia se instalou, pois, além de se sentirem ofendidos, todos se sentiram tomados por uma onda de incerteza e de insegurança.

Nara e Carlos não ficaram até o final da reunião - a qual, em meio a discussões acaloradas prosseguiu por mais algum tempo - e correram para casa, onde, devidamente guardada por Olav, encontraram a pequena Daise dormindo como uma anjinha. Estava tudo normal. De diferente, apenas o estranho ferimento nas mãos do senhor Olímpio, adquirido, segundo ele, de um ataque inesperado de Olav.

Nara não trabalhou nos dias seguintes, preferindo ficar em casa com a filhinha. Ela não sabia sobre o que poderia estar acontecendo com as outras crianças da escolinha, mas podia garantir que, na sua casa, sob seus cuidados, Dayse estava muito bem. Superara até a fase de insegurança que vivera dias atrás, quando, em inexplicáveis, variações de humor, passara até a estranhar a companhia do avô Olímpio, sempre tão amigo e carinhoso com ela.

A permanente presença de Nara em casa provocou um rearranjo na dinâmica da casa, liberando o Sr. Olímpio para saídas frequentes, não só para compras, mas, também, para longos passeios e visitas a antigos amigos residentes em bairros mais distantes.

Nara não sabia, mas, por aqueles dias, depois de um curto período de calmaria, nova onda de distúrbios passou a atormentar a criançada da escolinha. Era como se, de tempos em tempos, um demônio voltasse a perturbar aquelas cabecinhas

Parte II

O SENHOR OLÍMPIO

Desde pequeno, o infante Olímpio era meio-estanho, tendo enorme dificuldade para fazer amizades. Talvez esta tenha sido a razão de Dona Mabel, sua madrasta, tanto ter se aplicado no processo de busca e escolha que terminou por levá-lo ao Colégio São Francisco de Paula - o sisudo estabelecimento, cujo internato era famoso por 'dar um jeito' nos meninos mais problemáticos da cidade.

- Deixe o pequeno Olímpio conosco. Aqui ele vai aprender a ser gente - disse o padre-diretor a Dona Mabel, dando-lhe um rio de esperanças.

Na realidade, ao matricular Olímpio no internato do Colégio São Francisco de

Paula, Dona Mabel estava mais preocupada consigo própria do que com a formação do enteado. Aliás, depois que o flagrou ensimesmado esquartejando uma formiga - para, segundo ele, ver como ela [a formiga] conseguiria andar com poucas pernas -, Dona Mabel decidiu se livrar dele e, se pudesse, o teria remetido imediatamente para algum colégio do outro lado do país ou, quem sabe, no exterior.

A madrasta não sabia, mas, no fundo, o pequeno Olímpio sabia exatamente o que se passava na cabeça dela e, também, não via a hora de se livrar do 'não faça isso', 'não faça aquilo' ouvidos a cada instante.

Arrancar pernas e asas de insetos era apenas uma faceta do estranho poliedro que registrava as características pouco normais do menino-problema. Se Dona Mabel pudesse ver o que se passava na

cabeça do menino, teria fugido de casa. De fato, fruto de uma aventura do senhor Péricles com a quase-virgem Eneida - uma vizinha ferosa com a qual fora forçado a casar de forma apressada, antes que o arredondar da pança denunciasse as traquinagens do namoro apimentado. O casamento de Eneida e Péricles, no entanto, não durou muito. Apenas o tempo da gestação. De fato, apesar de ter suportado a movimentação incomum do feto no seu ventre, a jovem não resistiu ao parto e se foi antes de conhecer o rebento gerado mais pela picardia da safadeza gostosa do que pelo gozo sublime de quem faz o amor verdadeiro. Embutido num sentimento de culpa jamais admitido ou superado, a morte precoce de Eneida perseguiu Olímpio por toda a vida e ganhou um sabor mais amargo quando, muitos anos mais tarde, foi referido

por uma jornalista cruel como 'o primeiro' dos seus assassinatos.

Como prometera o padre-diretor, o internato do Colégio São Francisco de Paula fez a parte que lhe coube (e fez muito mais) na promessa de dar 'um jeito' no menino-problema. Na realidade, embora não tenha corrigido qualquer dos desvios trazidos desde a mais tenra infância ou, mesmo, aqueles desenvolvidos a cada segundo no internato, o tratamento dado ao menino Olímpio provocou novos traumas, os quais, sem que soubesse, o acompanhariam pelo resto da vida, se somando ao caldeirão onde ferviam os fantasmas responsáveis pela sua personalidade complexa.

Não foram só a rígida disciplina ou os violentos castigos físicos, como palmadas, bolos, surras e a obrigação de

rezar orações inteiras ajoelhado sobre caroços de milho ou de feijão sempre que um padre sentia a obrigação de fazê-lo sofrer. Não foi apenas isso. Foi muito mais. De fato, não foram poucas as vezes em que teve o corpo usado para deleite dos noviços, dos internos veteranos e, mesmo, de padres. Como esperado, recebendo continuamente pitadas de venenos das mais variadas naturezas e intensidades, aquele regime infernal teve grande participação na construção de um múltiplo e intrincado perfil psicológico cujas faces emergiam e submergiam conforme o panorama externo do momento e se alterava como se estivesse num carrossel sobre o qual não houvesse qualquer controle.

No internato, a cada dia, recalçando raivas e desejos de vingança, Olímpio torcia pela chegada da hora na qual aquele inferno

chegaria ao fim. O regime de violência, no entanto, prosseguia como se os castigos fossem naturais, fazendo Olímpio acreditar que aquilo era próprio de uma fase da vida e, mais ou mais tarde, alcançaria a alforria, o momento a partir do qual, ao invés de ser usado, ele próprio teria alguém para usar.

E este dia chegou.

Com a admissão de uma nova turma, Olímpio deixou de ser a 'carne nova' e um novato passou a ser usado como mulher pelos veteranos, entre os quais já estava Olímpio, todo faceiro e impetuoso. E, a partir de então, dando ação a pensamentos que nenhum dos colegas sequer imaginavam existir, Olímpio liberou sombras guardadas desde sempre e usou e abusou do colega escolhido para servi-los, impondo-lhe as mais deprevadas humilhações. Embora reprovada pelos

colegas menos tarados, a intensa atividade de Olímpio perdurou por algumas semanas, suscitando chacotas, até sobrevir o cataclisma que abalou o Colégio São Francisco de Paula, levando a uma radical mudança na sua tradição, inclusive com a brusca extinção do regime de internato.

Naquela noite dos diabos, quebrada pela luminosidade de um ou outro cigarro proibido, a tranquilidade do alojamento foi quebrada pouco depois da meia-noite pelo grito do noviço que, numa das privadas do banheiro coletivo, encontrou o corpinho sem vida de um dos internos recém-chegados ao Colégio. Estava nu, tinha as mãos amarradas, o rosto coberto por um saco plástico, marcas de esganamento no pescoço e o esfíncter dilacerado, como se tivesse sido penetrado por instrumento rombudo como o castiçal de suporte das

velas-de-sete-dias. O grito foi ouvido por todo o Colégio e, em instantes, o cadáver estava cercado por padres, noviços e internos. Sem dificuldades, os olhares assustados logo verificaram que o pequeno cadáver pertencia ao menino do qual, em menor ou maior dose de pecado, todos vinham se servindo nos últimos dias. E, com a ordem de voltarem para os alojamentos e guardarem silêncio, os internos ouviram quando, depois de gritar um 'Como isso pode acontecer aqui', o padre-diretor determinou a imediata e rigorosa investigação do assassinato.

Como todos internos tinham seu quinhão de culpa, nenhum deles comentou sobre os contínuos abusos aplicados ao jovem e, muito menos, que, naquela noite, pouco depois do toque de recolher, como sempre fazia antes de dormir, Olímpio o

acordou e o empurrou violentamente ao banheiro, palco insalubre onde ocorriam as violações.

No dia seguinte, logo cedo, com a cara de sono de quem, por todas as razões do mundo, não tinha conseguido pregar o olho por um único minuto, o padre-diretor anunciou uma radical alteração no antigo modelo seguido pelo estabelecimento, com imediata suspensão do regime de internato. Dalí em diante, o Colégio São Francisco de Paula nunca mais voltaria a ser o mesmo.

Naquele dia, por toda a manhã e parte da tarde, ao tempo que a Irmandade dava todo o suporte para as despedidas do anjinho e a polícia iniciava as investigações, com o levantamento do corpo e oitiva de algumas pessoas, o próprio padre-diretor comunicava o encerramento das atividades do internato às

famílias, dando-lhes um pequeno prazo para buscar os filhos.

E, assim, a morte de um jovem em circunstâncias nunca esclarecidas pela polícia e que se converteu em assunto-tabu para os antigos internos e guardado a sete chaves pela pequena comunidade religiosa e acadêmica do Colégio, terminou por devolver Olímpio a sua casa, colocando ponto-final numa jornada cuja história colocara mais uma camada de lembranças no seu subconsciente inexpugnável.

De volta à casa, sem jamais falar dos seus tempos de internato, Olímpio voltou a ser aquele que sempre fora, em prova concreta de que o internato do Colégio São Francisco de Paula não conseguira 'dar-lhe jeito', conforme prometera o padre-diretor.

O tempo passou. Bem ou mal, Olímpio atravessou a vida, incorporando energias, manias e quizilas e, como que em retribuição, distribuindo, aqui e ali, quinhões do seu eu desconhecido até por ele próprio.

De garoto travesso, Olímpio se converteu adolescente problemático, daqueles que 'roubam' o carro do pai para fazer farra, [daqueles] que, de vez em quando, terminam a madrugada numa delegacia de polícia por uma briga qualquer, [daqueles] que, sinceramente, ninguém gostaria de ter como genro ou, mesmo, como vizinho.

A jornada de Olímpio no mundo dos descaminhos mudou quando [ele] entrou para a Academia da Polícia, de onde, com o

prestígio de 'promissor oficial operacional', saiu anos mais tarde para trilhar a carreira de oficial da Polícia Militar, até se aposentar no posto máximo da carreira. Mas, a maior mudança, aquela que transformou Olímpio 'de água em vinho', ocorreu quando, numa festinha da turma da Academia, conheceu Emengarda, uma moça tímida, de roupa discreta e cabelos compridos, cujo olhar lânguido o fez esquecer de quem realmente era em certos momentos (sobre os quais, diga-se de passagem, nunca tivera completa lembrança). Com efeito, Emengarda abrandou o espírito irascível de Olímpio, fazendo-o, até, ingressar na igreja, inicialmente como simples fiel e, depois, anos mais tarde, como pastor da Igreja Corações Abertos em Cristo, Denominação por ele criada juntamente com a esposa.

Por muitos anos, a exceção de uma ou outra fraquejada pouco notada, os arroubos e as crises de ira tão comuns na infância e na puberdade de Olímpio desapareceram ou permaneceram em estado de hibernação, contidas nas camadas mais profundas do seu psique, como se estivessem em letargia. Quem via Olímpio garbosamente trajado com a farda dos oficiais da polícia militar ou [o via] envelopado no terno escuro dos evangélicos, carregando a Bíblia embaixo do braço, quando [ele] ia ou voltava dos cultos, não poderia imaginar jamais que aquela pessoa tão pacata pudesse ser capaz de fazer alguma coisa errada. Na realidade, ele - que, diga-se de passagem, não se conhecia por inteiro - também pensava assim e, na nova vida que escolhera para si,

não podia se imaginar fazendo alguma coisa errada, tanto aos olhos de Deus, como aos olhos do homem. Ao optar pelas carreiras militar e religiosa, de forma sincera, mesmo sem saber detalhes das coisas que pudesse um dia ter feito, Olímpio se arrependera das coisas do passado e, contrito solenemente, jurara para si próprio jamais voltar a pecar. Naturalmente, mesmo decidido a nunca mais voltar a pecar, Olímpio não tinha pleno controle sobre si próprio, muito menos sobre eventuais pensamentos impróprios e, sobretudo, sobre seus sonhos, fossem eles durante o sono ou durante quaisquer outros momentos. Aliás, às vezes, sem que quisesse, eventualmente, Olímpio dormia acordado e tinha breves momentos de esquecimento. Como se tivesse estado dormido profundamente, Olímpio se acordava de repente, sem

qualquer recordação do eventual sonho ou daquilo que tivesse acontecido naquele período.

Estes momentos ocorriam sem que Olímpio tivesse qualquer controle.

Uma noite, por exemplo, voltando da casa de Emengarda - a qual, cumprindo a promessa feita a seus pais, se guardava como vestal e 'só se daria por completo depois de casar' -, cedendo a um impulso incontrolável, ao invés de tomar a estrada de sempre, Olímpio se dirigiu à zona boêmia da cidade e... apagou. Quando deu por si, estava em casa, prestes a se deitar e só não o fez imediatamente porque descobriu uma estranha mancha de sangue na cueca. Sem compreender ou qualquer lembrança sobre aquilo que se passara, Olímpio tomara banho, lavara a cueca e, só, então, deitou. Dormiu o sono dos justos. No

dia seguinte, no quartel, soube pela boca dos colegas de farda do bárbaro crime que matara uma jovem prostituta com requintes de perversidade. Juntamente com os colegas torceu para que o criminoso, já tratado pela imprensa como 'o tarado da zona', fosse logo descoberto e preso. Mais ainda, esquecido momentaneamente da sua condição de pastor, Olímpio torceu para que o tarado fosse trucidado na cadeia pelos colegas de cela.

De qualquer forma, embora frequentes, a despeito das incertezas que traziam, os momentos de ausência jamais atrapalharam a vida de Olímpio, seja no campo profissional - onde, sem maiores problemas, cumpriu uma carreira bem sucedida, chegando ao topo no posto de coronel, tendo, inclusive integrando o estado-maior do comando-geral da Polícia

Militar -, seja no campo religioso - onde firmou-se como grande orador, tendo aberto a própria Igreja para exercer o ministério na autoridade máxima no cargo de bispo -, seja no campo pessoal - onde era reconhecido como marido exemplar, como pai extremoso do filho único Carlos, sogro parceiro e avô carinhoso.

Fosse no ambiente profissional da caserna, [fosse] no mundo religioso da Igreja Corações Abertos em Cristo ou, mesmo, no ambiente doméstico no seio da família, a maioria dos momentos de ausência de Olímpio eram rápidos como um piscar de olhos, passando quase despercebidos. Outros [momentos], no entanto, talvez por serem demorados, eram percebidos pelo próprio Olímpio, que, como que saindo de uma situação letárgica (mais ou menos intensa, conforme o caso),

os sentia como uma espécie de dobra no tempo caracterizada pela pouca ou nenhuma harmonia entre os dois momentos (antes e depois). Muitas vezes, Olímpio despertava em meio a situações que lhes eram completamente estranhas. Naturalmente, habituado àquelas situações, Olímpio conseguia disfarçar a própria surpresa e praticamente ninguém percebia a situação.

E, naquele embalo, sem atinar as eventuais confusões ocorridas na cidade, na caserna e na comunidade religiosa, pacificado consigo mesmo, Olímpio seguia a vida. Uma vida tranquila. No quartel, onde a rotina raras vezes quebrada por uma ou outra operação de campo que requeria a presença de alguém destemido e experiente, e na Igreja Corações Abertos em Cristo, onde, tirando o horrível caso de estupro

seguido de morte da filha de um obreiro, prevaleciam a paz do Senhor.

O tempo passou. Em casa, Olímpio e Emengarda viviam a felicidade dos casais maduros, tocando a Igreja Corações Abertos em Cristo e contornando as confusões próprias das coletividades. Emengarda alternava sua vida entre a casa e a igreja. Embora com menor dedicação, pois passava muito tempo no quartel e em operações de rua (algumas das quais chanceladas com a classificação 'segredo'), Olímpio também era um homem caseiro, ficando com a esposa sempre que podia. De sua parte, depois de noivar por longos anos, o filho Carlos casou com Nara e ganharam a pequena Daise como um presente dos céus.

Mas aquela felicidade não durou para sempre.

Um dia, o céu desabou sobre a cabeça de Olímpio, instalando o caos que o acompanhou pelos tempos. Com efeito, uma noite, ao chegar após um serviço noturno, experimentando a letargia própria dos instantes pré e pós ausências, Olímpio teve a sensação de que sua casa havia sido invadida.

Foi quando sobreveio o desastre.

Por conta da emoção ou, quem sabe, por outra razão qualquer, Olímpio sofreu um momento de ausência - o mais estranho e, sem dúvida, mais traumático de todos que sofrera até então. Depois de um tempo que nunca soube precisar, Olímpio despertou em meio a uma poça de sangue. Ao seu lado, estava o corpo sem vida de Emengarda. Com os olhos esbugalhados e

semblante de terror, ela estava com a jugular dilacerada. Perdendo o controle, Olímpio gritou. Gritou como nunca gritara na vida e... perdeu os sentidos. Quando despertou, em meio a cacofonia das vozes desencontradas de detetives, legistas, fotógrafos e policiais de todos os tipos, abraçado pelo filho Carlos, Olímpio estava coberto por um cobertor. Sentindo na pele o cruel procedimento recomendado nos manuais aos investigadores, Olímpio foi bombardeado pelas perguntas de um detetive.

- Sou o detetive Miguel Sarraceno. Sei que o momento é difícil, mas preciso fazer algumas perguntas ao senhor - sem qualquer condescendência ou respeito pela situação e, mal deixando tempo para Olímpio pensar ou, mesmo, respirar,

Miguel Sarraceno o interrogou por vários minutos.

E, ainda vendo o corpo ensanguentado da esposa esparramado na sala, Olímpio balbuciou respostas a tudo que lhe foi perguntado - onde o senhor estava quando o crime aconteceu? Como o senhor encontrou o corpo? Como Dona Emengarda estava quando o senhor saiu de casa? O senhor notou alguma coisa estranha nos últimos tempos? Algum desconhecido esteve aqui nos últimos dias? Foram muitas perguntas. Aliás, considerando o testemunho evasivo, o detetive Miguel Sarraceno atribuiu a inconsistência do depoimento ao trauma e ao estado de confusão mental então vivido pelo senhor Olímpio e, desde pronto, decidiu que voltaria a reinquiri-lo.

Os dias seguintes foram horríveis. Sempre amparado pelo filho Carlos e sob efeito de fortes calmantes, o senhor Olímpio mal conseguiu acompanhar os funerais da esposa e, profundamente deprimido, não teve como voltar ao trabalho ou à igreja. Os primeiros dias depois do enterro foram os mais difíceis. Não só pela constante lembrança da esposa, que não o deixava por um único instante, mas, também, pela insistência do detetive Miguel Sarraceno, que o visitou várias vezes para fazer as mesmas perguntas por diversas abordagens, e, sobretudo, pela presença da imprensa, especialmente de uma tal jornalista Bárbara Mercedes, que, sem qualquer respeito pelo seu drama pessoal ou pela sua idade, na ausência de outra notícia mais significativa, o cravava de perguntas para alimentar o sensacionalismo dos jornais.

Embora o passar dos dias tenha arrefecido o ímpeto inicial, as abordagens do detetive Miguel Sarraceno e da jornalista Bárbara Mercedes não acabaram de todo, ampliando o constrangimento do senhor Olímpio, que, diga-se de passagem, não fosse o convite do filho Carlos para uma temporada longe daquele ambiente tão sufocante, teria caído em depressão.

E, assim, o senhor Olímpio se mudou provisoriamente para a casa de Carlos, onde, longe das pressões do dia-dia e animado com a companhia da nora Nara e com as travessuras da pequena Daise, pode encontrar o sossego necessário para se reencontrar com a vida.

Parte III

UMA SOMBRA NA ESCURIDÃO

O chamado avisava sobre um brutal assassinato ocorrido há pouco.

Em instantes, juntamente com o comissário Afrânio Messias e a equipe de plantão da delegacia, o detetive Miguel Sarraceno chegou à casa onde acontecera o homicídio. O local estava apinhado de policiais, legistas, jornalistas e curiosos. Mostrando rapidamente a insígnia de detetive ao policial que guardava o perímetro de proteção, Miguel se misturou ao pessoal encarregado do levantamento do cadáver ainda esparramado numa poça de sangue ressequido. As primeiras informações davam conta que a morta era

Emengarda, uma mulher de 58 anos, bispa da denominação evangélica Igreja Corações Abertos em Cristo, que, depois de esganada, teve a jugular seccionada. O cadáver fora descoberto pelo marido, um pastor e coronel aposentado da polícia militar chamado Olímpio, que entrara em estado de choque. A polícia fora chamada pelo filho Carlos, que encontrara a mãe morta e o pai catatônico. Estranhamente não havia sinais de arrombamento e nada fora roubado da casa.

Seguindo o manual do investigador, depois de orientar a polícia técnica sobre os dados que precisaria, o detetive conversou com os dois parentes da vítima ali presentes, anotando tudo num caderninho. Conversou inicialmente com Carlos, o filho - mantido calmo graças a uma dose cavalariça de tranquilizantes, que, respondendo às

perguntas de praxe, dissera, entre outras coisas, que a família não tinha inimigos. Na sequência, [Miguel conversou] com Olímpio, o marido, que ainda se recobrava da crise de pânico que o fizera surtar ao ver a esposa morta e, muito abalado, acrescentara pouco àquilo já sabido pelo detetive.

Miguel permaneceu na cena do crime, bisbilhotando a casa e conversando com os vizinhos, até o cadáver ser removido.

Aquele era um crime especial. Não só pela qualificação da vítima - uma bispa evangélica, reconhecida e bem situada na comunidade - e da sua família - casada com um coronel e, igualmente, bispo -, mas [um crime especial] também pelas circunstâncias nas quais se dera o assassinato - além de os vizinhos não terem

percebido qualquer coisa estranha, não houvera arrombamento e nada fora roubado da casa.

Ainda ressabiado com o monte de inquéritos sem solução que jazia no seu prontuário, o detetive Miguel Sarraceno viu o caso Emengarda como uma chance para se redimir da sua 'incompetência recente' e recobrar parte da áurea de 'melhor investigador' que um dia ostentara. Estava decidido. Iria mergulhar na investigação e se empenhar ao máximo para desvendar aquele crime.

Na cabeça, um plano de trabalho ainda difuso, que, inicialmente, como rezava o manual da boa investigação, incluía todas as possibilidades. Sobre a escrivaninha, além da pasta com os registros iniciais, pilhas de anotações e reportagens sobre o caso. No quadro de

avisos, lembretes, fotografias e o esboço de fluxograma, ainda muito rarefeito, ligando fatos e pessoas associadas ao crime. Segundo esperava, em breve, o campo das possibilidades afunilaria para uma linha de investigação específica, o número de observações, indícios e provas aumentaria, o quadro de avisos ganharia progressivamente um esquema levando a suspeitos e, finalmente, num tempo relativamente curto, teria um relatório substanciado apontando culpados.

Quando fazia a quinta leitura do depoimento prestado pelo pastor e coronel Olímpio instantes após o bárbaro assassinato, foi interrompido pelo jovem comissário Afrânio Messias.

- Uma jornalista insiste em conversar com o senhor.

Ainda pensou em negar o pedido, mas, depois, pensando melhor, lembrou do ensinamento do velho Dr. Aprígio Mendonça, seu antigo mentor - para quem 'nunca se deve brigar com a imprensa, pois, afinal de contas, um dia você pode precisar dela' - e resolveu atender a jornalista imediatamente.

- Sou Bárbara Mercedes, do Diário de Notícias - a jovem estendeu a mão - estou escrevendo uma matéria sobre o assassinato da bispa Emengarda e gostaria de lhe fazer algumas perguntas.

Sem perder tempo com explicações desnecessárias, Barbara sacou aquilo que parecia um pequeno gravador e disparou a primeira pergunta.

- A polícia já tem algum suspeito do assassinato?

'Esta jornalista deveria ser investigadora' pensou Miguel Sarraceno enquanto respondia a densa inquirição. Aliás, a maioria das perguntas foi retrucada com um 'não posso falar sobre este assunto, que é objeto de investigação em andamento'. Por duas vezes, enfatizando que investigaria todas as possibilidades, escapou de insinuações da jornalista astuta sobre a eventual participação de 'alguém da família' no crime usando o velho chavão 'nada a declarar' (uma resposta que, no fundo, funcionava como um 'pode ser').

De qualquer forma, as perguntas da jornalista abriram os olhos de Miguel Sarraceno para algumas possibilidades ainda não cogitadas, incluindo o envolvimento no crime de alguém próximo

da família. 'Por que não?', pensou o detetive, atinando que não houvera arrombamento nem roubo na casa. Não iria desprezar aquela possibilidade.

Ainda naquela tarde levantou as fichas do marido Olímpio, do filho Carlos e dos vizinhos de Dona Emengarda. Para surpresa do detetive, surgiram muitas 'curiosidades'. Sobre o filho e os vizinhos, [não encontrou] nada de mais, mas, sobre o bispo e coronel Olímpio encontrou muita coisa. Pequenos detalhes que podiam dizer nada, mas, também, podiam dizer muito. O nome de Olímpio aparecia muitas vezes. Como oficial operacional, participara de muitas missões, inclusive nalgumas que redundara na morte de pessoas, como pastor e bispo, acompanhara o sofrimento de muitos fiéis, inclusive decorrente de mortes por doenças, acidentes e, mesmo,

assassinatos. Além disso, participara de muitas investigações, tendo sido testemunha ou mencionado em casos estranhos. A curiosidade sobre o marido de Emengarda não era exclusiva do detetive. Aliás, quando Miguel buscou o serviço de pessoal da polícia, tomou conhecimento que, horas antes, fazendo uso de um Habeas Data, o prontuário do coronel Olímpio já havia sido pesquisado pela jornalista Barbara (que copiara alguns documentos).

No dia seguinte, a bomba.

Sob a manchete 'Mistério cerca assassinato de bispa', extensa reportagem do Diário de Notícias contava detalhes do assassinato de Dona Emengarda, mostrando fotografias, inclusive da vítima em trajes clericais, um esquema da cena do crime, um infográfico com as pessoas próximas a ela e uma caixa em referência aos fiéis. Ao pé da

página, como se fosse algo desprezioso, um boxe apresentava o coronel aposentado e pastor Olímpio, marido de Emengarda, como protagonista direto ou indireto de episódios policiais nos quais imperava a violência, insinuando-o como provável imã de situações como aquela que vitimara a esposa. A curta matéria abria a possibilidade de que, talvez, pela forma de agir, o coronel Olímpio tivesse despertado a ira e atenção de algum criminoso.

O detetive não gostou daquilo que leu, pois, de alguma forma, podia atrapalhar as investigações. Não pensou duas vezes. Pegou o telefone e ligou para o Diário de Notícias. Habitado a se fazer ouvir, foi logo dando uma bronca em Bárbara.

- Sua reportagem escancarou detalhes que ainda não podiam ser revelados ao público e, sinceramente,

aquele boxe sobre o senhor Olímpio chegou a ser irresponsável...

De pavio curto, a jornalista só conseguiu ouvir a reclamação em silêncio por uns vinte segundos.

- Nunca divide do faro de uma mulher, detetive, especialmente se ela for repórter - e, ao invés de mostrar-se ressabiada, aproveitou o contato com o investigador para fazer mais perguntas - Você já pensou em investigar o passado daquele coronel?

Miguel teve de engolir o estilo petulante da jornalista.

- Tenho uma proposta: em vez de tentar censurar meu trabalho, por que você não experimenta colaborar comigo? Tenho certeza de que, se compartilhássemos nossos conhecimentos, esse caso seria

resolvido com maior rapidez. Se você estiver disposto, posso me encontrar com você depois da reunião de pauta, no começo da noite.

Horas mais tarde, Barbara e Miguel estavam diante das xícaras que testemunharam o início de uma parceria, inicialmente superficial e progressivamente mais densa e intensa.

Deixando claro que não poderia compartilhar tudo, Miguel reconheceu que, embora suas atividades redundassem em conseqüências diferentes, especialmente nos aspectos legais, de alguma forma, o trabalho policial e o jornalismo investigativo tinham afinidades, tornando possível ("guardadas certos limites", ele frisou) o trabalho conjunto. E, com o sinal parcialmente verde, Bárbara começou a compartilhar informações com o novo

parceiro. Inicialmente, defendeu o box que chateara Miguel, argumentando a impossibilidade de o senhor Olímpio ficar imune à promiscuidade com a violência que testemunhara e convivera nos seus tempos de polícia. Para ilustrar aquilo que dizia, a jornalista falou sobre crimes ocorridos nos tempos em que o coronel Olímpio estava na ativa, alguns dos quais, inclusive, que guardavam alguma semelhança com o assassinato de Dona Emengarda

- ...Teve o caso da beata assassinada em pleno Carnaval, durante um retiro religioso, dois dias depois de a sobrinha ter sido estuprada por um homem encapuzado, que tentou esganá-la. Teve o caso das meninas do orfanato Cristo Redentor, que, durante meses, foram assediadas por um homem misterioso - Bárbara puxou pela memória e, lançando o olhar para trás,

começou a desfiar um novelo, lembrando uma série de casos cobertos pelo jornal - Iguais a estes, devem ter acontecidos muitos outros que não chegaram ao nosso conhecimento.

- Você tem razão. As motivações do assassinato de Dona Emengarda podem estar lá no passado e, não podemos desconsiderar as hipóteses. Pode ter sido cometido por um desafeto do coronel, por um imitador de um crime daquela época são muitas as possibilidades - As informações trazidas por Bárbara deixaram a impressão de que a solução do assassinato de Dona Emengarda talvez dependesse da compreensão do passado do senhor Olímpio.

Aquela conversa descortinou uma nova frente de trabalho para Miguel Sarraceno.

No dia seguinte, ao tempo que, seguindo os ventos apontados pelo seu instinto, Bárbara mergulhava nos arquivos do Diário de Notícias à cata de notícias antigas capazes de preencher vazios da vida do senhor Olímpio, ajudando a compor a sua história, o detetive Miguel Sarraceno visitava seu antigo mestre e mentor, o Dr. Aprígio Mendonça, em busca de aconselhamento.

Como sempre fazia, o velho só falou depois de ouvir o longo relato do jovem pupilo concluído com uma espécie de pedido de socorro.

- O que devo fazer, Doutor Aprígio?

- Ainda não há indícios fortes para eleger qualquer linha de investigação específica. O quadro é muito confuso,

Miguel, e o criminoso pode estar em qualquer lugar. Assim, não descarte nenhuma possibilidade. De todo modo, siga o faro da jornalista e, sem alarde, investigue o passado do coronel. Procure construir uma linha do tempo e não se restrinja aos fatos apontados no prontuário e nos relatórios oficiais. Procure observar e associar fatos estranhos registrados pela imprensa. Tudo vai ser importante para compor uma linha do tempo associada ao coronel. Pode surgir alguma pista de quem cometeu a barbaridade.

Naquela tarde, enquanto Miguel conversava com o Doutor Aprígio, os meios evangélicos foram abalados com o sermão de um jovem pastor, um tal de Souza Carneiro, que, do púlpito da igreja - o mesmo usado pela bispa Emengarda durante anos a fio para ameaçar pecadores

com a ira de Deus -, falou sobre a provável presença do Mal no assassinato da pastora, insinuando suspeitas genéricas contra 'catimbozeiros'

Os dias seguintes foram de muito trabalho. Na delegacia, deixando de lado os outros inquéritos, Miguel Sarraceno listou e ouviu todos aqueles que, de alguma forma, poderiam ter algum tipo de envolvimento, por menor que fosse, no dia-dia da bispa Emengarda. Ouviu seus colegas da Igreja Corações Abertos em Cristo, incluindo o pastor alarmista Souza Carneiro e fiéis. Ouviu amigos. Ouviu empregados. Ouviu entregadores. Ouviu parentes, voltou a ouvir vizinhos. Colheu informações esparsas que, aparentemente, não tinham conexão entre si e que precisavam ser estudadas conjuntamente sob diversas óticas antes de eventuais descartes (ou não).

A maratona de oitivas revelou a presença de muitos desajustados na igreja - pessoas que, através do pastor, buscavam o abrigo e proteção de Deus para as suas próprias fragilidades, em vínculo de extrema dependência psicológica e, portanto, em situação de sentimentos reprimidos. Miguel preferiu não se animar muito, mas o tarado que assassinou a bispa Emengarda bem poderia estar naquele reduto de malucos fanáticos.

No jornal Diário de Notícias, a jornalista Bárbara Mercedes mergulhou nos arquivos. Não só nos arquivos digitais, mas, também, nos arquivos ainda não digitalizadas, pastas e pastas cobertas de poeira. Encontrou muitas histórias fantásticas, muitos crimes que atravessaram os tempos sem qualquer solução. Anotou todas, não apenas aquelas que, de alguma

forma, tivessem sido acompanhadas direta ou indiretamente pelo coronel Olímpio, mas, também, aquelas [as histórias] acontecidas durante sua permanência [do coronel Olímpio] no serviço ativo da polícia.

Os dias passaram sem que, do ponto de vista concreto, surgisse qualquer pista ou suspeito. O relatório da polícia científica confirmava a ausência de qualquer elemento estranho presente na cena do crime e que não houvera arrombamento da casa.

Enquanto, Miguel e Bárbara faziam suas pesquisas, sem saber que figurava no rol dos suspeitos improváveis, o coronel se mudou para a casa do filho Carlos.

Eventualmente surgiam fatos na imprensa que, como se obedecessem a um

relógio comum, guardavam um sincronismo notável.

Um dos crimes nunca elucidados que mais chamou a atenção de Bárbara na sua pesquisa nos arquivos do jornal foi uma série de brutais assassinatos de prostitutas ocorridos há três décadas. Por alguma razão, Barbara fixou-se na notícia e, lendo aqui, lendo ali, pesquisando aqui, pesquisando ali, se convenceu a enquadrá-las [as notícias] na linha do tempo de interesse, situando-a no período imediatamente anterior ao casamento de Olímpio com Emengarda. Cruzando as informações obtidas no jornal com aquelas colhidas por Miguel junto aos familiares de Emengarda, Barbara descobriu que o primeiro crime ocorrera no dia do noivado

de Emengarda e Olímpio e verificou que, naquele período, até o casamento, outros crimes violentos envolvendo prostitutas ocorreram na cidade - além daquela que abriu a série, outras duas prostitutas foram assassinadas em circunstâncias semelhantes e uma outra foi atacada e, por sorte, conseguira escapar do assassino, que passara a ser chamado de 'o tarado da zona' pela imprensa. Por se tratarem de vítimas de pouca relevância social, mesmo se tratando de crimes violentos, os inquéritos não foram concluídos e caíram no esquecimento sem elucidação.

Pouco ligando para o abismo temporal que separava os crimes, o faro jornalístico de Bárbara falou alto. Antes mesmo de Miguel 'comprar' a ideia da relevância da investigação, munida de um habeas-data e os nomes das quatro vítimas,

Barbara foi ao arquivo central da polícia pediu para ver os inquéritos. Não foi fácil localizá-los. De qualquer forma, duas horas mais tarde, estava com o material em mãos. Eram calhamaços antigos. Pastas descoloridas, cobertas de poeira e amarradas entre si, em clara indicação de que se referiam a crimes conexos.

Bárbara desatacou o barbante que as amarrava e, imediatamente, preparada para fazer anotações no caderninho de sempre, começou a manuseá-las. O conteúdo das pastas não era material agradável de se ver. Retratando os relatórios policiais, ampla cobertura fotográfica mostrava mulheres nuas e ensanguentadas, caras de espanto e horror, aortas seccionadas, olhos esbugalhados, em cenas que, de alguma forma, lembravam o cadáver de Dona Emengarda (um crime que viria a ser

cometido trinta anos mais tarde). Além das pastas das três mulheres assassinadas, o calhamaço continha uma pasta mais fina, com o material referente a uma tal Keyla Venâncio, a prostituta que sobrevivera ao ataque do 'tarado da zona' e que, segundo seu próprio depoimento à época, teria condições de identificar o agressor. Como nenhum suspeito foi preso, o testemunho de Keyla Venâncio não fora solicitado. De qualquer forma, o dossiê continha preciosas informações pessoais sobre a mulher - informações que, passados tantos anos, provavelmente estivessem alteradas e, talvez, já não tivessem utilidade.

Naquele estágio das investigações, no entanto, Keyla Venâncio era a melhor pista, pois [ela] era a única pessoa capaz de ajudar a descobrir o responsável por um crime semelhante àquele que matara a bispa

Emengarda há poucos dias. Assim, a localização e o depoimento de Keyla Venâncio - que, àquela altura deveria estar com cerca de 70 anos - ganhara muita importância para a investigação.

- É hora de a polícia provar que serve para alguma coisa - com um sorriso, Barbara provocou Miguel Sarraceno, pedindo o apoio oficial para localizar a sobrevivente do 'tarado da zona'.

Não foi fácil encontrar Keyla, que, desde a época dos crimes, além de envelhecer, tinha mudado de profissão, de residência e até mesmo de sobrenome. De qualquer forma, a busca da polícia nos cartórios e nos registros oficiais foi eficiente e, uma semana mais tarde, Barbara e Miguel estavam diante de Keyla Barbosa, uma viúva de quase sessenta anos, que, no

passado fora garota-de-programa e, antes de casar, atendia pelo sobrenome de Venâncio.

- Em que posso ajudá-los?

Na primeira meia hora de conversa, depois de se apresentar, Barbara falou do assassinato da bispa Emengarda, destacando a semelhança do crime com aqueles cometidos pelo 'tarado da zona' há trinta anos.

- Achamos que, de alguma forma, estes crimes estejam conectados. Precisamos da sua ajuda - Barbara concluiu

À princípio, talvez por medo de revolver o passado e atizar antigos fantasmas, Keyla não quis se envolver, mas, depois, em rápida viagem ao seu interior, evocou a jovem disposta a encarar e testemunhar contra o tarado assassino e resolveu colaborar. Fechou os olhos e,

puxando antigas memórias, começou a falar.

- O programa começou como outro qualquer, mas, de repente, tudo mudou. O homem ficou transtornado, dizendo que as mulheres da vida eram sujas e deveriam desaparecer da face da terra. Foi quando eu fiz uma besteira e disse que não pensaria assim se casasse comigo. Aí, numa explosão de raiva, o caldo entornou. Acho que toquei em algum ponto muito sensível, pois ele perdeu a cabeça e começou a me esganar. Quando vi o brilho da navalha, tive certeza de que ele era o 'tarado da zona'. Não sei onde fui buscar forças, mas joguei um vaso na cabeça dele e corri. Imagine a cena: uma mulher nua, correndo e, aos berros, pedindo socorro contra o 'tarado da zona'. Foi isso que me salvou.

- E, depois disso, a senhora chegou a ver o tarado da zona alguma vez?

- Tempos depois, imaginei ter visto ele. Estava fardado como oficial da polícia. Mas não devia ser ele, pois passamos muito perto um do outro e ele não demonstrou ter me reconhecido.

- A senhora seria capaz de lembrar deste oficial se visse a fotografia dele?

- Acho que sim. Nunca esqueci daquele olhar e daquele esgar de nojo.

Nos dias seguintes, ao tempo que Miguel voltava aos afazeres da delegacia, que não parava de produzir trabalho, Barbara se dedicou a buscar antigas fotografias de policiais. Foi uma maratona difícil, pois, somada à resistência em colaborar, a polícia não dispunha de um arquivo fotográfico organizado. Mesmo

assim, com a promessa de simpatia nas próximas reportagens sobre a polícia, Barbara conseguiu um 'vou tentar, volte na próxima semana'. Já era alguma coisa. Não outra coisa a fazer a não se esperar.

Enquanto isso, o mundo continuava a girar e, como se fosse caso pensado, ampliava as suspeitas sobre o coronel Olímpio.

Dias mais tarde, a delegacia foi procurada pelos diretores de uma Escolinha infantil com a desconfiança de que 'algo estranho' estivesse acontecendo com as crianças, pois, ao contrário daquilo de sempre, desde algum tempo, elas [as crianças] estavam irritadiças, agitadas e, como se tivessem medo de voltar para casa, assumiam um comportamento quase

desesperado quando se aproximava o final das aulas. Os diretores adiantaram absoluta confiança nos professores e nos funcionários da Escola e informaram que, a exceção dos banheiros, o estabelecimento era totalmente monitorado por um sistema eletrônico de vigilância.

- É possível que as crianças estejam sofrendo algum tipo de abuso em casa - A preocupação da direção da Escolinha terminava com uma denúncia muito séria.

Designado para o caso, o comissário Afrânio Messias começou a trabalhar imediatamente.

Visitou a Escolinha ainda naquela tarde. Conversou com funcionários e professores, inspecionou o sistema interno de vigilância, observou o movimento da criançada nas salas de aula e no pátio e, de

volta à delegacia, trouxe as listas de todos que tinham contato com os pequenos - fornecedores, visitantes regulares, funcionários, professores, alunos, seus pais e responsáveis.

No dia seguinte, explodiu a bomba que faria Miguel ligar para Bárbara imediatamente.

- Miguel, sabe quem estuda na Escolinha?

- Quem? - o detetive deu pouca importância à pergunta.

- Daise.

- E daí? - o detetive Miguel deu de ombros - Quem é Daise?

- A menina é filha de Nara e Carlos, os quais, por sua vez, são a nora e o filho do coronel Olímpio, marido da bispa

Emergarda cujo assassinato você está investigando. Que tal? Aliás, atualmente, o coronel Olímpio mora na casa deles - explicou Afrânio Messias, jogando um balde de adrenalina na corrente sanguínea de Miguel Sarraceno.

Repentinamente interessado no caso, Miguel atinou para a localização da tal Escolinha e relacionou que, de fato, pouco tempo após a morte da bispa Emergarda, o coronel Olímpio se mudara para a casa do filho Carlos, que ficava no mesmo bairro.

- Há quanto tempo começou a perturbação das crianças? - Miguel perguntou ao parceiro.

Podia parecer coincidência, mas, segundo as anotações do investigador Afrânio Messias, as perturbações tinham

começado pouco depois de o coronel Olímpio ter se mudado para a casa do filho Carlos. Tudo se encaixava.

Com o sinal de alerta aceso, enquanto esperava o álbum de fotografias prometido pela polícia à Bárbara, abusando da amizade e da confiança do colega, Miguel começou a dar pitacos e sugestões para a investigação levada adiante por Afrânio Messias.

No dia seguinte, alegando cumprir a praxe de conversar com as mães de todas as crianças matriculadas na Escolinha para melhor entender o caso, Afrânio visitou com Nara, mãe da pequena Daise, cuja opinião, além de importante para a elucidação da denúncia feita pelos diretores, ganhara um sabor adicional pelo fato de ela ser nora e anfitriã do coronel Olímpio, seu sogro e que, de alguma forma,

figurava como suspeito em outra investigação.

Segundo Afrânio Messias apontou, Nara percebera que, de uns tempos para cá, Daise passara a demonstrar medo das coisas.

- Medo até de ficar só com o avô... - a mãe comentara, talvez sem saber que estava apontando um dedo acusador contra o sogro.

Nara contou que, desde a reunião na Escolinha, redobrou os cuidados com a filha, deixando de trabalhar nos dias seguintes para passar todo o tempo em casa e, assim, ajudando a restabelecer a sua confiança.

- Aos poucos, Daise superou a insegurança e voltou a ser a criança alegre de sempre.

A conversa com Afrânio Messias continuou por mais alguns minutos, produzindo informações preciosas. Nara não sabia sobre aquilo que poderia estar acontecendo com as outras crianças da Escolinha, mas podia garantir que, em casa, sob seus cuidados, Dayse estava muito bem.

- Daise se dava bem com o avô?

- No começo ela se dava muito bem, mas, de repente, junto com as inexplicáveis variações de humor, Daise passou a rejeitar a companhia dele. Aquilo foi muito estranho, pois o senhor Olímpio sempre foi muito amigo e carinhoso com ela.

Nara comentou que a sua presença em casa permitiu um rearranjo na dinâmica da casa, liberando o Sr. Olímpio para saídas, não só para compras, mas, também,

para passeios e visitas a antigos amigos residentes em bairros mais distantes. Apesar de parecer irrelevante para a investigação, esta informação podia preencher muitas lacunas, pois, embora Nara não soubesse, por aqueles dias, depois de um curto período de calmaria, nova onda de distúrbios passara a atormentar a criançada da Escolinha. Era como se, de tempos em tempos, um demônio voltasse a perturbar as suas cabecinhas.

Antes que as investigações conduzidas pelo investigador Afrânio Messias produzissem as provas esperadas por Miguel Sarraceno, Bárbara recebeu a coleção de fotografias pedida à polícia.

Não era um álbum organizado. Era uma espécie de dossiê formado por folhas

soltas com cópias de imagens esmaecidas colhidas na época em que o 'tarado da zona' infernizava a cidade, reunindo fotografias de oficiais e grupos em paradas militares, em ações nos quartéis e até em festas e reuniões. Muitos semblantes apareciam várias vezes e estavam identificados pelos bordados nas fardas e crachás a elas fixados ou pela indicação dos nomes manuscrita sobre as imagens. Ansiosos, Bárbara e Miguel não perderam tempo e foram imediatamente para a casa da sobrevivente do 'tarado da zona'.

Keila Barbosa folheou o material, franzindo o cenho muitas vezes para forçar a vista e puxar pela memória. Depois de algum tempo, numa explosão de raiva, ela quase gritou

-Foi este filho da puta aqui - Keila apontou a fotografia de um jovem tenente.

Não dava para ler o nome bordado na farda ou escrito nos crachás, mas numa das fotografias o nome manuscrito o identificava como 'tenente Olímpio'.

- Você tem certeza, Keila?

- Eu nunca esqueceria da cara deste cachorro - Keila continuou a manusear o calhamaço e identificou o 'tarado da zona' em mais três fotografias.

O silêncio estabelecido por alguns milionésimos de segundo foi quebrado pelo quase-grito de Bárbara.

- Pronto! Aqui está a prova que precisamos para botar este canalha na cadeia.

- Eu não ficaria tão otimista assim, Bárbara - Miguel jogou um balde d'água na fervura - Embora identifique o 'tarado da zona' e possa ajudar a desvendar a autoria

dos seus assassinatos, o testemunho de Keila não seria suficiente sequer para reabrir as investigações policiais. Lembre-se que estamos falando de crimes acontecidos há trinta anos e, portanto, já prescritos. Além do mais, não há nada que relacione o coronel ao assassinato da bispa Emengarda.

- Quer dizer que continuamos na estaca zero? - Bárbara falou com a voz desanimada.

- De jeito nenhum. Os crimes cometidos há trinta anos já prescreveram, mas o gene criminoso continua vivo no sangue do coronel. Acho que já temos o suspeito-alfa e podemos descartar outras linhas de investigações. Não tenho dúvidas de que o senhor Olímpio é o criminoso que procuramos.

No dia seguinte, logo cedo - ao tempo que, inconformada com a situação, Bárbara continuava as pesquisas sobre o coronel Olímpio e despejava no papel toda a sua raiva, produzindo um texto que dificilmente seria publicado -, Miguel Sarraceno estava na casa do Doutor Aprígio Mendonça. Nos últimos dias, o detetive tinha recebido muitas informações e a infoxação o estava impedindo de raciocinar direito. Precisava do aconselhamento do seu mestre para clarear as ideias.

Na primeira meia hora de conversa, contou sobre os fatos novos surgidos na investigação e sobre as suspeitas que passaram a recair sobre o coronel. Só então o Doutor Aprígio Mendonça começou a falar.

- Se de um lado, as coisas nem sempre são aquilo que aparentam ser, de outro, embora surjam de repente, elas refletem uma história de vida, incorporando vivências e experiências na construção daquilo que elas são - usando um linguajar figurado, Doutor Aprígio deu a senha de que falaria coisas importantes.

Sabendo que, como das outras vezes colheria um pouco do conhecimento e da sabedoria do mestre, Miguel Sarraceno fez-se todo ouvidos.

- Há quase cinquenta anos, eu era um rapazinho recém-ingresso na polícia quando fui assistente da investigação do brutal assassinato de um dos novatos no internato do Colégio São Francisco de Paula, um estabelecimento famoso naquela época por 'dar um jeito' nos meninos mais problemáticos da cidade. O assassinato

ocorrera numa das privadas do banheiro coletivo. Foi uma das cenas mais horripilantes que já vi. O cadáver estava nu, com as mãos amarradas, o rosto coberto por um saco plástico, marcas de esganamento no pescoço e tinha o esfíncter dilacerado, como se tivesse sido penetrado por instrumento rombudo como o castiçal de suporte das velas-de-sete-dias. As primeiras investigações revelaram que, além da rígida disciplina e violentos castigos físicos, como palmadas, bolos, surras e a obrigação de rezar orações inteiras ajoelhado sobre caroços de milho ou de feijão, muitas vezes, os internos tinham o corpo usado para deleite dos noviços, dos internos veteranos e, mesmo, de padres. Como a elucidação do crime promoveria grande abalo na Igreja Católica e nas famílias mais tradicionais da cidade, polícia sofreu muitas pressões para interromper as investigações e o inquérito

terminou sem apontar qualquer culpado. Sintomaticamente, pouco depois do assassinato, o padre-diretor anunciou uma radical alteração no modelo seguido pelo estabelecimento e extinguiu o regime de internato.

O doutor Aprígio Mendonça fez uma longa pausa, em claro indicador de que 'a bomba estava por vir'.

- Na época, Miguel, o coronel Olímpio era aluno interno do Colégio São Francisco de Paula... Ele foi matriculado pela madrasta. Uma senhora chamada Mabel, que, naturalmente, deve ter tido suas razões para internar o jovem Olímpio num estabelecimento especializado em meninos-problema. Pode ser que as coisas de hoje tenham raízes lá atrás.

Miguel estava estarecido com a nova informação.

- Será que o coronel Olímpio teve alguma coisa com este assassinato?

- Nunca vamos saber, pois as investigações foram abortadas. Mas, de qualquer forma, esta história indica que, desde a mais tenra idade o coronel Olímpio teve contato com mortes violentas.

- Temos, então, o criminoso.

- Não, Miguel. Ainda não. Lembre os fundamentos do criminoso: oportunidade, motivo e meios. Sem dúvida, o coronel Olímpio teve a oportunidade e dispunha dos meios para assassinar a esposa, mas qual seria a motivação? Deve haver alguma coisa que não estamos conseguindo ver. Há um ângulo através do qual este crime precisa ser visto para

revelar as provas que ainda faltam para justificar a acusação.

Como vinha fazendo regularmente nos últimos dias, antes de deitar fez um registro das novidades e ligou para Bárbara, colocando-a a par das surpreendentes informações trazidas pelo Dr. Aprígio. A conversa de fim de noite com a jornalista foi longa e, como já esperava, precisou responder a muitas perguntas antes das despedidas.

- Qual será o ângulo sugerido pelo Dr. Aprígio que ainda não verificamos? Que ponto de vista ainda não percorremos? - se despediu da jornalista e, com estas perguntas martelando a cabeça, Miguel caiu no sono.

Não conseguiu dormir por muito por muito tempo. Ainda pela madrugada foi

acordado pelo telefonema de Afrânio Messias.

- Houve uma reviravolta no caso, Miguel. Durante a noite, uma guarnição da polícia prendeu um tarado prestes a consumir o atentado ao pudor contra uma criança. Este tipo de crime ocorre com frequência, mas, neste caso, fui chamado pelo escrevente de plantão, pois a vítima é aluno da Escolinha cuja denúncia estou investigando. Por incrível que possa parecer, o abusador é o pastor Souza Carneiro, da Igreja Corações Abertos em Cristo, aquele mesmo que tentou incriminar pais-de-santo pelo assassinato da bispa Emengarda.

A cada palavra do investigador, o Delegado Miguel Sarraceno ficava mais aceso.

- O pastor foi recolhido em flagrante delito e será interrogado amanhã - continuou o investigador - Depois da oitiva, vou expedir convites para iniciar o processo de identificação do tarado pelo pessoal da Escolinha.

No dia seguinte, depois de alcançar Bárbara já na redação do jornal e contar a novidade, Miguel Sarraceno correu à delegacia. O fato de o preso ser pastor na Igreja Corações Abertos em Cristo e, nesta condição, ter sido confrade da pastora Emengarda e do seu marido, principal suspeito do seu assassinato, tornava interrogatório muito interessante.

Não sem razão a delegacia estava apinhada de jornalistas e curiosos de todas as naturezas. A família da vítima tinha se encarregado de espalhar a notícia na Escolinha, que, como rastilho de pólvora, chegou a muita gente e, com níveis diferentes de exaltação, todos - diretores, professores, pais - queriam notícias. Se não fosse pelo grau de educação e pela ambiência policial na qual estavam, possivelmente a turba tentaria linchar o pastor tarado.

Aquele dia marcou história na existência daquela delegacia. Poucos puderam acompanhar o interrogatório, mas, sem exceção, todos ficaram horrorizados com aquilo que foi dito. Pudera! Nunca se ouvira ali um relato tão frio e escabroso como aquele feito pelo tarado-pastor.

No começo do interrogatório, o pastor Souza Carneiro ainda tentou manter o silêncio que lhe era garantido em lei, mas, como todo malfeitor pego com a boca na botija, não resistiu ao confronto com a verdade e explodiu. Com efeito, em meio a uma crise de choro, admitiu ser doente e, depois de resistir por alguns instantes, desabou e confessou tudo, tintim por tintim. Durante várias horas, sem recusar qualquer pergunta, contou que, por meses a fio, abordou e perseguiu crianças, inicialmente na frente da Escolinha e, em algumas vezes, quando tinha a chance, em outros lugares, até mesmo nas suas casas. Reconheceu ter abusado de várias crianças, mas negou ter consumado o ato com qualquer uma delas. A confissão foi demorada e trouxe detalhes de muitos crimes. Depois de quase duas horas de depoimento, respondendo à pergunta sobre eventualmente ter sido

flagrado por alguém, o pastor respondeu que, embora tivesse escapado de muitas 'situações embaraçosas', um dia fora fígado pela bispa Emengarda.

No outro lado da parede de vidro unidirecional que separava a sala de interrogatório do pequeno cômodo de onde outros policiais podiam acompanhar a oitiva, ao ouvir o nome da bispa cujo assassinato era investigado por ele, o detetive Miguel Sarraceno ouriçou os sentidos.

- A bispa Emengada descobriu a minha doença e, ao invés de me apoiar, exigiu a minha renúncia do clero e ameaçou me denunciar à polícia....

Com novo sabor, o depoimento prosseguiu.

O pastor baixou a voz e, após comentar que, depois da ameaça da bispa, não poderia mais permanecer na igreja e, com a certeza de que Deus saberia compreender a sua atitude e perdoá-lo, tomou a decisão de se livrar dela. Puxando pela memória, sem demonstrar qualquer arrependimento, o pastor contou que, ainda naquele dia, aproveitando o momento no qual sabia a bispa estar só em casa, a procurou para pedir desculpas e quem sabe, conquistar o seu perdão, o seu silêncio, evitando o escândalo e a sua saída da Igreja.

- Mais uma vez, ao invés de demonstrar compaixão e me dar uma segunda chance, simplesmente a bispa não só disse que queria a minha demissão e, ainda, que, no dia seguinte, me denunciaria à polícia. Não tive alternativa senão matar aquela mulher sem coração, indigna de

comandar a nossa igreja - e, com todos os detalhes, o pastor Souza Carneiro descreveu como esganou e esfaqueou o pescoço da bispa Emengarda, saindo de casa sem qualquer problema de consciência para voltar às atividades de sempre sem o risco de ser denunciado à polícia.

Acompanhando o interrogatório pela parede de vidro unidirecional, progressivamente estarecido, Miguel lembrou das palavras do decano Aprígio e, sem alternativa, foi forçado a reconhecer que nem tudo é o que parece.

Naquele momento, Miguel não sabia, mas, horas antes, livre de compromissos profissionais capazes de restringir a sua ação e, de algum modo, disposta a fazer justiça com as próprias

mãos, Bárbara usou o Diário de Notícias como tribunal e cadafalso.

Pouco preocupada com o efeito que seu gesto causaria na investigação conduzida por Miguel Sarraceno, a jornalista Bárbara divulgara uma extensa matéria sobre o 'tarado da zona' - o criminoso responsável por uma série de crimes ocorridos na cidade há mais de trinta anos e, portanto, já prescritos. A justiça não fora feita no tempo certo e, agora, por questões legais, não poderia ser mais feita, permitindo ao criminoso atravessar os tempos completamente impune. Após descrever a sequência dos crimes a ele atribuídos, a matéria destacava a figura de Keila Barbosa, apresentada como 'única mulher a escapar com vida de um ataque do tarado da zona' e relatava as novidades colhidas recentemente junto a ela.

Se aproximando do clímax, a matéria dizia que, apesar de não ter tido a chance de falar à época, a sobrevivente Keila Barbosa identificara o então tenente Olímpio, da Polícia Militar, como sendo o 'tarado da zona'. A matéria bateu forte no homem identificado pela sobrevivente como o 'tarado da zona'. Aproveitando informações contadas a Miguel Sarraceno pelo decano Aprígio Mendonça, a matéria prosseguia com referências ao passado do tenente Olímpio, destacando o fato de que, por iniciativa da madrasta (que não mais o aguentava em casa), fora aluno do internato do Colégio São Francisco de Paula - um estabelecimento famoso na época por receber 'meninos-problema. Sem poupar o 'tarado da zona', a matéria informava que, ainda na condição de aluno, o menino Olímpio esteve na lista dos suspeitos do estranho e brutal assassinato que levou ao

fechamento do internato e a uma profunda modificação no sistema de ensino do Colégio.

Com uma ponta de perversidade, a matéria terminava com o comentário de que a mãe de Olímpio morrera de parto, tendo sido 'o primeiro dos muitos assassinatos que cometera pela vida. Intencionalmente, a matéria não fazia qualquer alusão ao paradeiro atual do tal Olímpio.

No dia seguinte, muito abalada, a congregação da Igreja Coração Aberto em Cristo se preparava para iniciar a reunião convocada para discutir a forma como enfrentaria o escândalo em torno da prisão do pastor Souza Carneiro, quando chegou a notícia da morte do bispo Olímpio.

Informações preliminares diziam que ele teria se suicidado.

Ninguém tinha a menor ideia de qual teria sido o motivo do gesto tão extremo.

.